

## A POESIA-LIBERDADE

*Mairim Piva*

---

**RESUMO:** O texto aborda a poética da escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, explorando sua simbologia e suas relações com o imaginário, procurando estabelecer uma conexão entre as pulsões humanas do existir e do ato de escrever.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Teoria Literária. Poesia Contemporânea. Literatura Portuguesa. Imaginário. Octavio Paz. Sophia de Mello Breyner Andresen

**ABSTRACT:** The text deals with Sophia de Mello Breyner Andresen poetry. The essay explores the connection between the lyric of this Portuguese writer and the symbols related to the human imaginary. It establishes the complex relation between “being” and “writing”.

**KEYWORDS:** Literature. Literature Theory. Contemporary Poetry. Portuguese Literature. Imaginary. Octavio Paz. Sophia de Mello Breyner Andresen

Octavio Paz afirma que “o poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem”, (PAZ, 1982, p. 17). Para perscrutar um desses encontros, pode-se adentrar no universo poético de Sophia de Mello Breyner Andresen para quem a poesia é também uma forma de o homem encontrar a significação profunda do existir e do ser humano.

Sophia, ao falar da sua relação com o fazer poético, assinala que a poesia não lhe pede propriamente uma especialização “pois a sua arte é uma arte do ser”. Diz a poeta: [a poesia] “pede-me que arranque da minha vida que se quebra, gasta, corrompe e dilui uma túnica sem costura.(...) E no quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida.” (ANDRESEN, s.d., p.87)

No intuito de se encontrar essa túnica única, não fragmentada, original, integral e indissolúvel como a fonte da vida e de se penetrar no caminho para o reino da inteireza e da libertação proposto pela poesia, irá se propor um trajeto de leitura de algumas poesias da autora como um mapa para alcançar esse mundo precioso.

“A unidade da poesia só pode ser apreendida através do trato desnudo com o poema” (PAZ, 1982, p. 16), diz Paz, portanto, o ponto de partida dessa trajetória investigativa é a leitura da própria obra, é o mergulho no mundo poético de Sophia.

Sophia revela sua inadequação com seu entorno social, com o mundo contaminado, corrompido. No universo da ganância, da materialidade, da repressão ou da futilidade não é possível “ser plenamente”, perde-se o humano e o natural em prol de papéis sociais que representam a degeneração do ser:

*Eu me perdi na sordidez dum mundo  
Onde era preciso ser  
Polícia agiota fariseu  
Ou cocote*

(ANDRESEN, s. d., p. 17)

O mundo retratado é o da socialidade humana, aquele em que se define o ser pelo ter, pelo poder temporal, pelas atitudes históricas, pela representação das aparências, dos jogos de dominação sobre o universo. No entanto, essa perda lamentada pelo eu poético não é sem redenção, há um caminho de salvação que prevê o afastamento dessa esfera deteriorada e o mergulho no universo natural:

*Eu me perdi na sordidez do mundo  
Eu me salvei na limpidez da terra*

*Eu me busquei no vento e me encontrei no mar  
E nunca  
Um navio da costa se afastou  
Sem me levar.*

(ANDRESEN, s. d., p. 17)

O encontro com os elementos primordiais, a terra, o ar e o mar, representam a possibilidade de rompimento, purificação e restauração das forças vitais e do encontro com a verdadeira essência dos seres. A trilha poética de Sophia é a condução à reintegração a um estágio inicial de inocência, de liberdade. É uma jornada contra a destruição imposta pelo tempo humano, pela cronologia linear que conduz ao aprisionamento e à decomposição.

Um espaço primordial, longe dos resíduos da destruição temporal encarnada na morte imposta pela cultura humana, é aquele em que existe a unidade total, em que há a verdadeira liberdade:

*Aqui nesta praia onde  
Não há nenhum vestígio de impureza,  
Aqui onde há somente  
Ondas tombando ininterruptamente,  
Puro espaço e lúcida unidade,  
Aqui o tempo apaixonadamente  
Encontra a própria liberdade.*

(ANDRESEN s.d., In: [SENA](#), 1984, p. 311)

Assim como o movimento ininterrupto das ondas promove um refazer sistêmico, cíclico, nesse contínuo das energias primordiais, outros elementos indicam a recorrência a um imaginário que lida com a libertação das condições temporais e a busca para a integração a esse universo preservado, fora das cadeias do tempo devorador. Porém, para o ser humano, completamente imerso no mundo da destruição e do terror, é preciso encontrar um instrumento de emancipação, um mestre que lhe ensine a trilha sagrada da iniciação:

*É o teu rosto que eu procuro  
Através do terror e da distância  
Para a reconstrução de um mundo puro.*

([ANDRESEN](#), 1985, p. 46)

Mergulhado no universo humano, o eu poético irá inquirir nos recônditos da realidade conhecida o caminho para esse mediador-mestre:

*A noite abre os seus ângulos de lua  
E em todas as paredes te procuro  
  
A noite ergue as suas esquinas azuis  
E em todas as esquinas te procuro  
  
A noite abre as suas praças solitárias  
E em todas as solidões eu te procuro  
  
Ao longo do rio a noite acende as suas luzes  
Roxas verdes e azuis*

*Eu te procuro.*

([ANDRESEN](#), 1978, p. 17)

A procura conduz ao universo noturno. O regime noturno do imaginário é, segundo Gilbert Durand, (DURAND, 1989) aquele em que o tempo não se mostra como um inimigo aniquilador que precisa ser combatido, mas sim a esfera em que, pela reiteração cíclica ou pela imersão em um mundo original-primordial, há uma integração com o tempo, agora livre e libertador e não êmulo destruidor.

A noite, a luz da lua - feminina e maternal - como guia, conduz à investigação do espaço na tentativa de encontrar o instrumento de emancipação. A noite que se abre à investigação em sua feminilidade solitária está contaminada pelo olhar humano que procura nela a reprodução do real construído - as esquinas, as praças. O mergulho na noite e nas águas primordiais é capaz, no entanto, de revelar a necessidade de se ter um guia. Ir além do real, em um processo de procura constante que se identifica com o viver é a proposta da poesia, concretizada no instrumento do poema, esse encontro entre o humano e o poético.

Há uma dissociação evidente entre o ser humano e o mundo que o cerca, apontado como enganoso, destrutivo, impuro. No âmbito humano, a fragmentação e a distinção são marcas indeléveis da perda da unidade primordial, revelando sua contrapartida no anseio da integração na “praia pura”, do tempo livre. A cisão entre a coisa e o homem é mediada pela linguagem que existe para representar o objeto que está distanciado da experiência da unidade. Segundo Octavio Paz, “é evidente que a fusão - ou melhor, a reunião - da palavra e da coisa, do nome e do nomeado, exige prévia reconciliação do homem consigo mesmo e com o mundo”. (PAZ, 1982, p. 45) Como o homem não consegue se libertar da fragmentação e da noção de tempo destruidor, não pode abrir mão de um instrumento mediador para viver com a realidade, e não na realidade. Porém, afirma Paz, “enquanto não se opera essa mudança, [recuperação da unidade primordial] o poema continuará sendo um dos poucos recursos do homem para ir mais além de si mesmo, ao encontro do que é profundo e original.” (PAZ, 1982, p. 45)

A poesia, essa realidade de energias originais, é o mestre a ser seguido. O poema, concretização da poesia, é o instrumento para o conhecimento e para a libertação, pois “o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo perpetuamente criador”. (PAZ, 1982, p. 31)

*A memória de ti calma e antiga  
Habita os meus caminhos solitários  
Enquanto o acaso vão me oferece os vários  
Rostos da hora inimiga*

*Nem terror nem lágrimas nem tempo  
Me separarão de ti  
Que moras para além do vento.*

Morando além do contínuo passar do tempo, e além mesmo do universo natural evidente, a poesia, antiga como o surgir do cosmos, é o elemento de salvação do ser, é o escudo contra os inimigos presentes no tempo, os quais só conduzem à dor e à destruição.

Se a poesia é o caminho para a imersão na primordialidade, a criação de um novo espaço é fundamental para sua epifania. É preciso instaurar uma nova esfera, entre o mundo humano corrompido e o primordial da poesia, para que essa possa estar ao lado do “eu” como companheira e guia.

*Que nenhuma estrela queime o teu perfil  
Que nenhum deus se lembre do teu nome  
Que nem o vento passe onde tu passas.*

*Para ti eu criarei um dia puro  
Livre como o vento e repetido  
Como o florir das ondas ordenadas.*

(ANDRESEN, 1985, p. 39)

Intocada no universo e livre da nomeação redutora, a poesia em sua primordialidade ganha daquele ser que a deseja como guia um novo espaço, criado pelo único elemento de contato possível: a linguagem poética. A força da poesia como agente de desvelamento para o ser humano é reiterada no poema “Porque”:

*Porque os outros mascaram mas tu não  
Porque os outros usam a virtude  
Para comprar o que não tem perdão.  
Porque os outros têm medo mas tu não.*

*Porque os outros são tómulos caiados  
Onde germina calada a podridão.  
Porque os outros se calam mas tu não.*

*Porque os outros se compram e se vendem  
E os seus gestos dão sempre dividendo.  
Porque os outros são hábeis mas tu não.*

*Porque os outros vão à sombra dos abrigos  
E tu vais de mãos dadas com os perigos.  
Porque os outros calculam mas tu não.*

(ANDRESEN, 1985, p. 79)

Sem medo, livre da decadência física e da corrupção moral, a poesia é o espaço sagrado para o “eu” operar seu ritual de renascimento. O mundo natural, o real primitivo e original presente nos elementos como a praia e o mar, a noite e a lua, o deserto e a terra, traduzidos e desautomatizados pela palavra poética, é o cosmos que contém a energia vital para auxiliar nesse processo de reintegração à unidade perdida. Natureza e poesia são as duas faces encantatórias e energizantes que irão levar o “eu” a se despojar do universo em decadência e encontrar a unidade e a harmonia cósmica.

Dentro do poema, os elementos do real sofrem uma operação transmutadora pois deixam de ter uma existência fragmentada, inexplicável, redutora, ou seja, uma existência autômata, e passam a ingressar no âmbito das significações. O mundo torna-se palavra; a palavra poética é imagem que jamais será unívoca, linear, desmotivada. No poema, a palavra, quebrada as amarras da logicidade e da nomeação redutora do real que quer definir uma única direção ao nome, transborda em sua primitiva capacidade de encerrar uma pluralidade de sentidos. Assim é que os instrumentos transportadores da poesia, como a palavra e as imagens, são libertadores, pois eles próprios são livres do mundo corrompido e linear, que se curva ao tempo da destruição.

Potência de sentidos, a palavra poética é a única chave para o ser humano se compreender, pois não há definições claras, traçados objetivos ou natureza demarcada quando se trata de mergulhar na interioridade dos seres. Para se atingir a compreensão plena é preciso se “libertar das transparências”, que são, em verdade, enganadoras pois querem planificar o que é encoberto, sinuoso, tortuoso:

Senhor libertai-nos do jogo perigoso da transparência

*No fundo do mar da nossa alma não há corais nem búzios  
Mas sufocado sonho  
E não sabemos bem que coisa são os sonhos  
Condutores silenciosos canto surdo  
Que um dia subitamente emergem  
No grande pátio liso dos desastres*

(ANDRESEN, s. d., p. 81)

O canto surdo dos sonhos ganha voz no poema, e surge sobre o mundo destruído como um novo reino que se instaura após a batalha revolucionária da libertação. O fogo, elemento de destruição, mas também de purificação, é a arma e a marca da poesia.

*No poema ficou o fogo mais secreto  
O intenso fogo devorador das coisas  
Que esteve sempre muito longe e muito perto.*

([ANDRESEN](#), 1985, p. 100)

Ao mesmo tempo que devora, o fogo poético renova, traz à vida o mundo que passa a ter nova significação. É o real que se transmuta e o mundo interior que ganha sentido nessa nova configuração cósmica.

*Iam de cabo em cabo nomeando  
Baías promontórios enseadas:  
Encostas e praias surgiam  
Como sendo chamadas.*

*E as coisas mergulham no sem-nome  
Da sua própria ausência regressadas  
Uma por uma ao seu nome respondiam  
Como sendo criadas.*

([ANDRESEN](#), s. d., p. 11)

O rito de criação é instaurado; a gênese está na palavra e na sua força criadora. Seres e nomes se procuram no poema para, sem serem inequívocos, mas sempre plurais, desvelarem possíveis modos de existência. A nomeação é força mágica de aproximação entre palavra e coisa, é o encanto de restituir a realidade às coisas.

Segundo Maria Armanda Passos, na poesia de Sophia, o “aparecer das coisas é ainda o melhor terreno para o encontro com a inteireza do ser”. ([PASSOS](#), 1999, p. 5) A essência se revela pela palavra, o mundo se deixa verdadeiramente conhecer, “os mitos principiam”, a origem se revela e a vida é comunhão entre ser-palavra-natureza. Longe daquele mundo corrompido da urbanidade, da sociedade definidora de papéis voláteis no tempo, há um ato de sagração e de entrega do ser diante da essencialidade que dispensa falsas mediações, que, mesmo através da palavra, revela-se além de qualquer som:

*Eis-me*

*Tendo-me despido de todos os meus mantos  
Tendo-me separado de adivinhos mágicos e deuses  
Para ficar sozinha ante o silêncio  
Ante o silêncio e o esplendor da tua face*

(ANDRESEN, In: [SENA](#), 1984, p. 314)

No ritual de despojamento, de separação do mundo degenerado, cria-se uma maior receptividade para a comunhão verdadeira com o universo e sua essência original, revelada na palavra poética e na natureza como o repositório das energias primordiais. A *physis*, como na concepção clássica e mítica, é a porção divina, que, no universo fragmentado e distante da origem primordial e unitária perdida, se revela na instância suprema, na divindade poética:

*Nas tuas mãos trazias o meu mundo.  
Para mim dos teus gestos escorriam  
Estrelas infinitas, mar sem fundo  
E nos teus olhos os mitos principiam.*

*Em ti eu conheci jardins distantes  
E disseste-me a vida dos rochedos  
E juntos penetrámos nos segredos  
Das vozes dos silêncios dos instantes.*

*Os teus olhos escorrem como fontes,  
E em todo o teu ser existe  
O sonho grave, nítido e triste  
Duma paisagem de pinhais e montes.*

(ANDRESEN, In: [SENA](#), 1984, p. 308)

O desvelamento das coisas, o conhecimento das multiplicidades do real, a imersão na sua essência graças à poesia, liberta o “eu” poético do desespero do mundo linear, sujeito à corrupção pela constante destruição imposta pelo tempo. O eu poético funde-se ao real permanente da energia primordial das coisas, da natureza e despoja-se das imposições decadentes do universo humano fragmentado.



*Aqui, deposta enfim a minha imagem,  
Tudo o que é jogo e tudo o que é passagem,  
No interior das coisas canto nua.*

*Aqui livre sou eu – eco da lua  
E dos jardins, os gestos recebidos  
E o tumulto dos gestos presentidos  
Aqui sou eu em tudo quanto amei.*

*Não p'lo meu ser que só atravessei,  
Não pelo meu rumor que só perdi,  
Não p'los incertos actos que vivi,*

*Mas por tudo de quanto ressoei  
E em cujo amor de amor me eternizei.*

(ANDRESEN, In: [SENA](#), 1984, p. 309)

Com a poesia é possível se viver agora não com as coisas, mas nas coisas, na integração primordial entre interior e exterior. Efetua-se uma recuperação do uno nesse espaço sagrado em que o “eu”, como o penoso processo de busca constante, no ritual de despojar-se das pretensas transparências, conseguiu penetrar na luz verdadeira do viver, dentre as sombras do universo primitivo, da noite e dos abismos do mar. E, no ressoar da poesia, desveladora e re-criadora, que através do poema, instante concreto de encontro do ser com a magia do universo que eterniza o amor, vence-se o tempo e a destruição.

Diz Octavio Paz que o poema “nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos”.(PAZ, 1982, p. 50) Com a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, o ser vence o mundo das aparências, vence a solidão imposta pela multidão desprovida de significação verdadeira, rompe as barreiras das ilusões enganosas e das palavras unívocas que pretendem mostrar o mundo como lógico e unidimensional, mutilado de suas potências múltiplas, simbólicas e libertárias.

A poesia é sua bússola, sua guia, sua mestre na descoberta do caminho que conduz-reconduz ao próprio ser. Ser que, pelo ritual poético, vence o tempo que atemoriza e mascara as verdades da comunhão total, cuja instauração é a chave para a libertação de todos os grilhões. Ser que, pela força da magia poética, mergulha em um novo tempo, não inimigo, mas cúmplice, eterno, renovador, movimento constante de purificação e criação primordial.

A linguagem na sua função prosaica de informatividade, de instrumento de comunicação linear no universo cotidiano é mutilada e reduzida de sua plenitude. É

somente na poesia, no poema, que a palavra recupera sua originalidade primitiva, sua essência repleta de ambiguidade. O poeta arranca as palavras “de suas conexões e misteres habituais: separados do mundo informativo da fala, os vocábulos se tornam únicos, como se acabassem de nascer.” (PAZ, 1982, p. 47). Portanto, o discurso de análise da poesia será sempre menos significativo do que a palavra liberta e libertária do poema. Assim, para apontar uma conclusão no trajeto proposto para uma leitura de obras de Sophia de Mello Breyner Andresen, deixa-se a palavra-imagem-força encantatória e divinatória da poesia ser expressa em liberdade no poema:

### Para atravessar contigo o deserto do mundo

*Para atravessar contigo o deserto do mundo  
Para enfrentarmos juntos o terror da morte  
Para ver a verdade para perder o medo  
Ao lado dos teus passos caminhei*

*Por ti deixei meu reino meu segredo  
Minha rápida noite meu silêncio  
Minha pérola redonda e seu oriente  
Meu espelho minha vida minha imagem  
E abandonei os jardins do paraíso*

*Cá fora à luz sem véu do dia duro  
Sem os espelhos vi que estava nua  
E ao descampado se chamava tempo*

*Por isso com teus gestos me vestiste  
E aprendi a viver em pleno vento.*

(ANDRESEN, 1962, p.185)

### Referências

- ALEGRE, Manuel. Perto da pulsação inicial. **J. L.**, 16 de junho 1999. p. 9.
- AMARAL, Fernando Pinto. A aliança quebrada. **J. L.**, 16 de junho 1999. p. 7.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Antologia**. Lisboa: Portugalíia, 1968.

\_\_\_\_. **Dual**. 2. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1977. (Círculo da poesia).

\_\_\_\_. **O cristo cigano**. Lisboa: Moraes Editores, 1978. (Círculo da poesia). ①

\_\_\_\_. **No tempo dividido e mar novo**. Lisboa: Edições Salamandra, 1985. ① ②  
③ ④ ⑤

\_\_\_\_. **Geografia**. Lisboa: Ed. Salamandra, [s.d.]. ① ② ③ ④ ⑤

BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. **A poesia de Sophia de Mello Breuner Andresen: dois perfis de leitor, um projeto de leitura**. Tese (Doutorado em Teoria Literária) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

BRANDÃO, Fíama Hasse Pais. O triplo nome Sophia. Phala. Um século de Poesia. In: DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.

PASSOS, Maria Armanda. O poeta por trás da poesia. **J.L.** 16 junho 1999. p. 5. ①

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. ① ②  
③ ④ ⑤ ⑥ ⑦

SENA, Jorge de. (Org.) **Líricas Portuguesas**. Lisboa: Ed. 70, 1984. ① ② ③ ④

SOPHIA. Prêmio Camões. **J. L.**, 16 de junho 1999. p. 5-10.

